

ARQUÉTIPO

Este 6.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* apresenta um conjunto de contributos dedicado ao tema do arquétipo. Ideia e/ou imagem simbólica de um modelo (gr. *typos*) primordial (gr. *arke*), o arquétipo infiltra tão profundamente a história da humanidade, numa translação entre tempos, lugares e culturas, que condensa um dos esteios que mais firmemente sustém a relação do ser humano com o mundo. Se, por um lado, pode ser alvo das interrogações que se colocam a qualquer categoria universal, por outro lado, potencia conceptualizações e práticas que favorecem uma dinâmica integradora e aberta à transformação. Nessa medida, a articulação entre o *typos* e as suas realizações contempla um leque de declinações dotado de uma extraordinária riqueza.

Na secção inicial de Artigos, são tratados temas que vão da antropologia cultural, da história das religiões ou da geo-antropologia, até à crítica textual, à ciência da informação, à didática, à geografia da paisagem ou à anatópia. Ao contributo criativo de Ana Marques Gastão, na secção Cruzamentos, segue-se a Entrevista de Guilherme d'Oliveira Martins, "Arquétipo: a utopia como horizonte", conduzida por Ana Teresa Peixinho.

Abre o volume o artigo que é dedicado ao arquétipo da Terra Bíblica por Sofia Cardetas Beato, no quadro do universo da história das religiões e sob o ponto de vista teórico-teológico. Canaã, Fenícia e Filisteia e Terra de Israel são os lugares destacados, no seio de um agregado conceptual que abrange vários espaços de diferenciação e de interação. A partir de textos bíblicos e extrabíblicos, a investigadora indaga valências de ordem social, política, geográfica e religiosa que convocam diversas culturas. O arquétipo que lhes está subjacente compreende, pois, uma dinâmica integradora de lugares e memórias, caracterizando espaços nem sempre convergentes com a actual geografia política.

Por sua vez, o conceito de arquétipo convoca um padrão geo-antropológico que Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira-Neto considera imposto à comunidade não homogénea de Helvécia, o distrito, situado no extremo sul da Bahia, cujas populações são maioritariamente descendentes de quilombos. O estudioso

do Instituto Federal da Bahia apresenta as transformações em ato nessa localidade, para problematizar a cultura quilombola e, concomitantemente, os termos em que é exercido o poder político-administrativo, económico e de pertença. Por essa via, mostra como o contraponto entre rural e urbano, entre descendente de quilombola e de colonizador ou entre visões diferenciadas da comunidade de Helvécia deixa hiatos, camuflados por um relacionamento multipolar infiltrado pelo capitalismo internacional.

As águas, as suas virtudes sobrenaturais, os seus benefícios salutíferos e o seu culto são a matéria sobre a qual se detém José d'Encarnação, tomando por referência a noção de arquétipo como manifestação do inconsciente coletivo, na senda de Carl Gustav Jung. O diálogo estabelecido entre arqueologia, epigrafia, etimologia, geografia e história das religiões serve de guia a um percurso que leva por destacados lugares da Península Ibérica, e ainda por alguns outros que se estendem para além dela, ancestralmente ligados às águas.

No âmbito da crítica textual, a noção de arquétipo é uma pedra basilar. A ordenação da forma cancionero petrarquiana é seguidamente estudada por Rita Marnoto, em função do conceito ecdótico de arquétipo, considerado na sua historicidade. O modo segundo o qual, ao longo dos séculos, a disposição sequencial das composições que constituem o Cancioneiro foi sendo concebida, bem como as questões de hierarquização, colocadas pelos testemunhos em causa, são pois explorados na sua correlação. Daí resulta que o tratamento da matéria requer a exposição do arquétipo a uma temporalidade que era já reconhecida pelos humanistas.

Nesse mesmo quadro metodológico, David González Ramírez analisa as questões colocadas pela identificação do arquétipo das primeiras traduções, para espanhol-castelhano, do *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, lançando as bases da sua edição. Sendo as duas mais antigas versões conhecidas anónimas e parciais, há a considerar, por um lado, o original italiano que lhes serviu de texto de partida e, por outro lado, o *stemma* que lhes é relativo. Nesse sentido, o estudioso da Universidade de Jaén lança o plano de uma edição crítica que tomará como texto-base a impressão sevillhana de 1496, a colacionar com a tradução manuscrita da Biblioteca do Escorial, e tomando como referência o manuscrito P do *Decameron*.

A exploração da noção de arquétipo, no campo disciplinar da ciência da informação, é desenvolvida por Maria Beatriz Moscoso Marques e Liliana Esteves

Gomes a partir de um amplo horizonte, dimensionado em termos epistemológicos, históricos e sociais. A análise do diálogo, estabelecido ao longo dos tempos, entre a ciência da informação e áreas disciplinares como a arquivística, a biblioteconomia, a museologia e a documentação, ilustra um percurso que fundamenta e esclarece o seu estatuto transdisciplinar. Acompanha a passagem de um paradigma custodial e pré-científico, vinculado à conservação material, a um novo paradigma pós-custodial e científico, mais apostado nos conteúdos. As autoras do artigo mostram bem as potencialidades que na atualidade se oferecem à ciência da informação, como espaço de simbiose entre essas duas vertentes, privilegiando a esfera pública.

O envolvimento, na didática da disciplina de História de Espanha, de arquétipos temáticos e disciplinares, é confrontado pelo grupo de investigadores, formado por Nicolás Martínez-Valcárcel, Ramón García-Marín e Martha Ortega-Roldán, com a evolução metodológica mais recentemente verificada em Espanha. A investigação, levada a cabo acerca da utilização de factos do presente e da respetiva adequação ao ensino da História de Espanha, baseou-se na experiência didática realizada em 23 escolas do nível secundário. Permitiu apurar quais os períodos do passado que, ao serem lecionados, congregaram um maior número de remissões para a contemporaneidade, quais os temas do presente contemplados e a que materiais mediadores se fez recurso.

Completa a secção de Artigos o estudo que João Luís Fernandes dedica à replicação, para fins turísticos, de arquétipos de paisagens e de lugares de lazer. A análise incide sobre múltiplas situações, que convocam paisagens, climas e enquadramentos sociais e antropológicos muito diversos. Paralelamente, são aprofundados os desafios inerentes às deslocalizações de índole uniformizadora e globalizante, manejados por este tipo de anatópias. Ao questionamento da relação entre original e replicação, realidade e fantasia, lonjura e proximidade, acrescenta-se a problematização da relação entre mundo global e espaço confinado.

Completam o número uma secção de resenhas, bem como o convite à participação no próximo volume de *Biblos*, dedicado ao tema Dissidências.

Rita Marnoto

Coordenadora da Direção Executiva